

O silêncio que dói 51

Pela primeira vez, o professor Fernando Henrique Cardoso não sabe o que fazer para baixar a marola que ameaça afogar o seu governo. Pensou em falar à Nação em rede nacional de rádio e televisão. Mas dizer o quê? Que nada disso aconteceu? Fazer como o sujeito que vai visitar um amigo doente num hospital e tem de sustentar a conversa sem falar da doença, mas tentando levantar o astral do paciente? A idéia foi temporariamente arquivada.

São nove dias em que no Brasil só se fala na compra de votos para aprovar a emenda da reeleição e não há como fugir do assunto. Os gurus e conselheiros foram convocados a dar sugestões, mas até agora o presidente tem preferido o silêncio. Sua última aparição pública foi na viagem a Minas, na quinta-feira, quando disse que "tem muita onda". Na agenda presidencial de ontem só estava escrito: "despachos internos". Tanto no período da manhã quanto na parte da tarde. Também não houve cerimônia pública no Palácio do Planalto nesses últimos dias.

Fernando Henrique ainda não conseguiu dimensionar o estrago provocado em seu governo pelas denúncias de compra de votos para aprovar a reeleição. Só sabe que é o maior já havido até agora porque atingiu um ponto central — a confiança na honorabilidade do governo como um todo.

No momento em que passa por esta crise, o governo parece acuada, sem iniciativa. Idéia que fica reforçada diante do empenho de seus aliados para barrar a proposta de CPI para apurar as denúncias. E está difícil mudar de assunto.

A primeira conclusão dos conselheiros do rei — e do próprio rei — é a de que precisa propor já uma agenda mais positiva. Todos reconhecem que o discurso pelas reformas se exauriu. Até porque os efeitos das reformas no dia-a-dia dos brasileiros não podem ser sentidos de imediato. Bem que o PSDB, o partido do presidente, lançou campanha na televisão para defender a reforma administrativa. É uma tentativa, ainda que de última hora, de tentar contrapor à publicidade da oposição

que já tem sua campanha na TV para divulgar o escândalo da venda de votos.

O fato é que a luta sôfrega do presidente para aprovar a emenda da reeleição — da qual ele era o principal beneficiário — levou o governo à exaustão. Todas as forças foram jogadas em janeiro para desempacar a emenda da reeleição na Câmara. E, no momento em que tinha a força para comandar uma nova agenda, o governo foi flechado por estas denúncias.

Aliado a isso, veio a fase de insegurança na economia, cujo ponto de maior fragilidade é a balança comercial que tira o sono de alguns do governo, embora de público todos tenham aderido à tese de Gustavo Franco de reduzir a importância dos seguidos déficits. Não há mais contraponto dentro do governo às opiniões de Franco.

E, de fora, quem contestar leva o carimbo de que está agindo de má-fé ou porque deixou de ganhar mais dinheiro.

Mais do que a crise em si, o que mais preocupa é a falta de iniciativa para sair dela. Ou a falta de perspectiva para sair dela. Para uns — sensatos — o jeito seria Fernando Henrique declarar de público que não é candidato à reeleição. Mas, no governo, a hipótese sequer é considerada. "Seria pagar um preço muito alto" por denúncias vagas. De fato, len-

do e relendo as gravações das conversas do "senhor X", não há o que comprometa diretamente o governo. Mas a cobrança é por uma resposta, uma iniciativa do governo.

Como disse o próprio presidente, tudo isso pode ser mais uma onda. Só que essa atingiu o governo. Não ao ponto de ferir de morte a renovação do mandato de FH (a não ser que outras denúncias apareçam ou faça água o plano de estabilização da economia). A oposição sabe disso e por isso mesmo quer tirar o maior proveito possível dessa crise.

Só que na campanha eleitoral de 98, Fernando Henrique terá de rever fotografias do tempo em que foi ministro da Fazenda para se parecer mais com aquele Fernando Henrique. Muito mais firme e decidido do que este que está no Planalto.



■ *Cristiana Lôbo é jornalista*

A luta sôfrega do presidente para aprovar a reeleição levou o governo à exaustão